

## Índice

Introdução: Apreciações e Críticas às Obras de Charles Dickens	7
<i>A Casa Sombria</i>	
Prefácio	19
I	
1. No Tribunal da Chancelaria	23
2. A alta sociedade	30
3. Uma progressão	36
4. Filantropia telescópica	55
II	
5. Uma manhã aventureira	68
6. No conforto de um novo lar	81
7. A Calçada do Fantasma	101
III	
8. A caridade cobre a multidão dos pecados	111
9. Indícios e presságios	129
10. O copista forense	144
IV	
11. O nosso querido irmão	155
12. De atalaia	169
13. A narrativa de Esther	182
V	
14. Um magnífico porte	197
15. Bell Yard	216
16. Tom-Só-e-Abandonado	231

VI	
17. A narrativa de Esther	240
18. Lady Dedlock	253
19. Toca a circular	269
VII	
20. Um novo inquilino	283
21. A família Smallweed	297
22. Mr. Bucket	314
VIII	
23. A narrativa de Esther	327
24. Um recurso	344
25. Nada escapa a Mrs. Snagsby	361
IX	
26. Atiradores de primeira	371
27. Mais um velho militar	384
28. O metalúrgico	396
29. O jovem	407
X	
30. A narrativa de Esther	417
31. Enfermeira e doente	432
32. A hora marcada	447
XI	
33. Intrusos	461
34. Uma volta do parafuso	475
35. A narrativa de Esther	490
XII	
36. A Tapada de Chesney	505
37. Jarndyce contra Jarndyce	519
38. Um conflito	537
XIII	
39. Advogado e cliente	547
40. Assuntos do foro nacional e do foro privado	562
41. No quarto de Mr. Tulkinghorn	574
42. Nos aposentos de Mr. Tulkinghorn	582

XIV	
43. A narrativa de Esther	589
44. A carta e a resposta	604
45. Uma questão de confiança	611
46. Agarra!	623
XV	
47. O testamento de Jo	632
48. O cerco aperta-se	645
49. Amizade fiel	660
XVI	
50. A narrativa de Esther	674
51. Faz-se luz	683
52. Teimosia	694
53. O rasto	704
XVII	
54. Rebenta uma mina	716
55. Fuga	735
56. Perseguição	749
XVIII	
57. A narrativa de Esther	757
58. Um dia e uma noite invernais	773
59. A narrativa de Esther	786
XIX e XX	
60. Perspectiva	799
61. Uma descoberta	811
62. Outra descoberta	820
63. Aço e ferro	829
64. A narrativa de Esther	837
65. Uma nova vida que começa	847
66. Lá no Lincolnshire	854
67. O final da narrativa de Esther	858
Posfácio	865
Notas de Tradução	869



# I

## CAPÍTULO 1

### *No Tribunal da Chancelaria*

Londres. O trimestre de São Miguel terminou há pouco tempo<sup>4</sup>, e o lorde chanceler preside ao seu tribunal no Palácio do Lincoln's Inn. Clima impiedoso de Novembro. Um espesso manto de lama cobre as ruas, dir-se-ia que as águas acabaram de se retirar da face da terra, e ninguém se espantaria se deparasse com um megalossauro, de doze metros de comprido ou mais, a bambolear-se, qual lagarto paquidérmico, por Holborn Hill acima. Ao descer das chaminés dos prédios, o fumo gera uma morrinha macia e negra, contendo grandes flocos de fuligem, do tamanho de flocos de neve dignos desse nome — como que trajados de luto por terem presenciado a morte do Sol. Vêem-se cães, tão sujos de vasa que nada permite que se distingam entre si. Vêem-se cavalos, pouco menos conspurcados, cobertos de lama até aos antolhos. Os peões empurram-se, embaraçando os guarda-chuvas uns nos outros, numa epidemia generalizada de irritação, e perdem o equilíbrio nas esquinas das ruas, onde dezenas de milhares de outros peões escorregaram e perderam o pé desde o romper do dia (se é que o dia chegou a romper), acrescentando novos depósitos às crostas sucessivas de lama que se agarram tenazmente ao piso naqueles lugares e se acumulam como juros capitalizáveis numa conta bancária.

Nevoeiro em toda a parte. Nevoeiro a montante, onde escorre entre as ilhotas verdes no leito do rio e sobre os prados igualmente verdes; nevoeiro a jusante, onde flui em volutas conspurcadas entre os navios ancorados lado a lado e os detritos ribeirinhos de uma grande (e suja) urbe. Nevoeiro nos pauis do Essex, nevoeiro nas alturas do Kent. Nevoeiro a insinuar-se nas cozinhas da coberta dos brigues carvoeiros; nevoeiro a envolver as vergas e a pairar em torno do velame dos grandes navios; nevoeiro a pousar nas amuradas das barcaças e dos pequenos botes. Nevoeiro a meter-se nos olhos e nas gargantas dos vetustos pensionistas do Hospital Naval de Greenwich, antigos marujos a arquejarem diante das lareiras acesas das enfermarias;

nevoeiro no tubo e no forninho do cachimbo vespertino do capitão iracundo, fechado no seu camarote abafado; nevoeiro a enregelar cruelmente os dedos dos pés e das mãos do jovem grumete que tirta no convés. Há transeuntes parados nas pontes, os quais, ao espreitarem sobre os parapeitos, divisando um céu de nevoeiro que se estende a seus pés e que os cerca por completo, chegam a sentir-se nas alturas, como se viajassem num balão de ar quente, suspensos entre as nuvens brumosas.

A chama do gás desponta através do nevoeiro em diversos pontos das ruas, dir-se-ia o Sol que o lavrador e o moço que conduz a charrua vislumbram ao longe, sobre os campos esponjosos. A maioria das lojas foi iluminada duas horas antes do aprazado — e a chama do gás parece ter consciência disso, pois exhibe uma aparência esgazeada e relutante.

A tarde agreste é ainda mais agreste, o nevoeiro denso é ainda mais denso e as ruas lamacentas mostram-se ainda mais lamacentas nas proximidades daquele vetusto obstáculo, obtuso como chumbo, o ornamento ideal para adornar o limiar de uma vetusta entidade, obtusa como chumbo: o arco de Temple Bar<sup>5</sup>. E, a dois passos do arco de Temple Bar, no Palácio do Lincoln's Inn, no âmago do nevoeiro, o lorde chanceler supremo preside ao seu Supremo Tribunal da Chancelaria.

Porém, nunca haverá um nevoeiro suficientemente denso, nunca haverá um manto de lama e vasa suficientemente espesso para fazer jus à condição traiçoeira e lodosa que este Supremo Tribunal da Chancelaria, o mais pestilento dos pecadores encanecidos, assume, nos nossos dias, aos olhos dos Céus e da Terra.

Numa tarde assim, mais do que em qualquer outra, não é senão apropriado que o lorde chanceler supremo se sente no seu cadeirão — tal como está efectivamente sentado neste momento — com um resplendor de nevoeiro a aureolar-lhe a cabeça, resguardado por macios cortinados e drapejamentos em tons carmesins, tendo diante de si um advogado corpulento, de grandes suíças e voz sumida, que lê um interminável despacho, enquanto o próprio juiz dirige o seu olhar contemplativo para a clarabóia do tecto, onde nada divisa, excepto o nevoeiro. Numa tarde assim, manda a lógica que os membros de um vasto contingente de advogados do Supremo Tribunal da Chancelaria estejam — tal como estão nesta ocasião — obscuramente empenhados num dos milhentos passos de uma infindável demanda, atropelando-se uns aos outros na tentativa de expor precedentes escorregadios, esbracejando, atolados até aos joelhos em incidentes processuais, batendo com as cabeças adornadas com pêlo de cabra e crina de cavalo contra altas paredes de palavreado, e fazendo de conta, com o ar mais sério do mundo, quais actores de uma peça teatral, que estão ao serviço da justiça e do direito natural. Numa tarde assim, seria de esperar que os diversos advogados consultivos empenhados na demanda, dois ou três dos quais a herdaram dos pais, que fizeram

fortuna à conta daquele processo, estivessem — e não é que estão mesmo? — alinhados em fila, na comprida tribuna, revestida de grossos tapetes, atrás da teia (ainda que fosse vão todo e qualquer esforço para procurar a Verdade no meio dos fios daquele emaranhado), entre a mesa vermelha do tabelião e as togas de seda dos advogados, tendo empilhados diante de si requerimentos, contra-requerimentos, réplicas, tréplicas, providências cautelares, depoimentos sob juramento, alegações, referências a ouvidores, despachos de ouvidores, em suma, montanhas de baboseiras que tanto tempo e dinheiro custaram a gerar. Não admira que a sala do tribunal esteja mergulhada na penumbra, com velas quase consumidas aqui e além; não admira que o nevoeiro paire pesadamente ali dentro, como se jamais fosse dissipar-se; não admira que os vitrais percam a cor e que não deixem entrar sequer uma réstia de luz do dia; não admira que os leigos que passam na rua, ao espreitarem pelas vidraças da porta, se abstenham de entrar na sala, atemorizados pela aparência sisuda e circumspecta que o lugar exhibe e pela fala arrastada que ecoa languidamente até ao tecto, emergindo do dossel acolchoado que reveste o lugar onde o lorde chanceler supremo contempla a cúpula envidraçada que não deixa entrar luz alguma e onde os advogados de peruca estão todos perdidos num manto de nevoeiro! Eis aqui o Tribunal da Chancelaria, que possui em todos os condados do país inúmeras casas decrépitas e terras estéreis e crestadas a perder de vista; que conta em todos os manicómios com legiões de lunáticos exauridos, e legiões de mortos em todos os adros das igrejas; que arrasta na sua esteira incontáveis litigantes arruinados, de solas gastas e roupa puída, a pedir emprestado e a suplicar esmolas a todos os conhecidos; que dá ao poder endinheirado os meios para esgotar as forças da justiça; que desbarata as finanças, a paciência, a coragem e a esperança, que derrota o intelecto e desalenta o coração, a ponto de não haver um só de entre os profissionais ao seu serviço que não se mostre pronto a formular o aviso — que não formule, aliás, inúmeras vezes, o aviso: «É preferível suportares todos os agravos possíveis e imagináveis do que recorreres a esta instância!»

E quem está no tribunal do lorde chanceler nesta tarde sombria, além do próprio lorde chanceler, do advogado que patrocina a causa, de dois ou três advogados que nunca patrocina causa alguma, e dos advogados consultivos que enchem a tribuna antes referida, atrás da teia? Há o tabelião, abaixo do juiz, de peruca e toga; e há dois ou três maceiros ou distribuidores ou contadores das custas, ou lá o que são, trajados a rigor com as vestes da praxe. Todos bocejam; é que nenhuma migalha de divertimento alguma vez se derrama de Jarndyce contra Jarndyce (o processo em apreço), que há anos foi espremido até à última gota. Os estenógrafos e os relatores do tribunal, que são os escrevinhadores da justiça, e os jornalistas, que são os escrevinhadores dos jornais, invariavelmente levantam arraiais e vão à sua vida, juntamente com o resto dos espectadores assíduos, quando a audiência ver-

sa sobre Jarndyce contra Jarndyce. Os lugares deles ficam vagos. De pé em cima de um banco, num dos lados da sala de audiências, para melhor divisar o santuário rodeado de cortinas, encontra-se uma velhinha louca, de chapéu amarfanhado, que assiste a todas as sessões do tribunal, desde a abertura até ao encerramento, sempre na expectativa de ver proferida uma qualquer sentença insondável a seu favor. Há quem diga que ela é, ou foi outrora, parte interessada numa demanda; mas ninguém sabe ao certo, porque ninguém quer saber. Segura na mão uma bolsinha de fecho metálico onde traz uma amálgama confusa de adereços, a que chama os seus documentos, consistindo essencialmente em rolos amachucados de papel e raminhos secos de alfazema. Um prisioneiro de tez doentia entra na sala, sob detenção, pela sexta vez, para solicitar em pessoa a mercê de se «reabilitar do desrespeito pelo tribunal»; porém, tratando-se do único executor sobrevivente de um testamento, e tendo mergulhado num estado de absoluta confusão acerca de transacções das quais nunca poderia ter tido conhecimento algum, é pouco provável que alcance os seus intentos. Entretanto, todos os horizontes da sua existência se fecharam. Outro litigante arruinado, que de tempos a tempos viaja desde o Shropshire até à capital e que faz esforços denodados para dirigir a palavra ao chanceler no final da sessão daquele dia, e a quem ninguém consegue fazer ver que o chanceler ignora juridicamente a sua existência, depois de lha ter martirizado durante um quarto de século, planta-se num lugar propício e permanece de olho fito no juiz, pronto a chamar: «Milorde!», em voz de sonoro queixume, assim que o magistrado se levantar do cadeirão. Alguns escreventes ao serviço dos advogados, bem como outros que conhecem de vista aquele litigante, demoram-se mais um pouco, na esperança de que ele proporcione alguma animação, espevitando assim a atmosfera modorrenta.

Jarndyce contra Jarndyce segue o seu caminho, num zumbido ronco. Esta demanda, há muito perdida no labirinto dos seus próprios meandros, tornou-se, com o passar do tempo, tão complexa que nenhum homem vivo é capaz de a deslindar. As partes interessadas são quem menos entende em que pé está o processo; mas já houve quem notasse que é impossível dois advogados do Tribunal da Chancelaria trocarem impressões sobre esta acção judicial, nem que seja durante escassos cinco minutos, sem entrarem em absoluto desacordo quanto às respectivas premissas. Inúmeros bebês nasceram, interessados no processo; inúmeros jovens se casaram, também nele interessados; inúmeros idosos faleceram, abandonando a sua condição de partes interessadas. Incontáveis pessoas deram por si, como que em estado de delírio, a assumirem o estatuto de litigantes no caso Jarndyce contra Jarndyce, sem saberem como nem porquê; famílias inteiras herdaram ódios lendários juntamente com a demanda. O pequeno queixoso ou indiciado a quem prometeram um novo cavalinho de pau quando o processo Jarndyce

contra Jarndyce transitasse em julgado já cresceu, já adquiriu um cavalo de carne e osso, e já trotou para o outro mundo. Donzelas menores de idade à guarda do tribunal cresceram, foram mães, depois avós; um longo cortejo de chanceleres ascendeu ao cargo e abandonou-o; a imensa hoste de depoimentos nos anais do processo converteu-se numa longa lista de pessoas falecidas; não restam sequer três Jarndyces à face da terra, talvez, desde que o velho Tom Jarndyce, tomado de desespero, fez saltar os miolos numa cafetaria da Chancery Lane; mas o processo Jarndyce contra Jarndyce continua a arrastar os seus medonhos vagares diante do tribunal, eternamente sem remédio nem solução.

Jarndyce contra Jarndyce converteu-se num gracejo. Eis o único bem que emergiu deste caso. Foi sinónimo de morte para muita gente, mas é um gracejo entre os profissionais da justiça. Todos os ouvidores do Tribunal da Chancelaria fizeram referência aos respectivos autos. Todos os chanceleres estiveram envolvidos no caso, em prol de uma ou outra das partes, no tempo em que eram simples advogados. Boas facécias se contaram acerca do processo, proferidas por velhos causídicos ocupando cargos de destaque, de nariz azulado e sapatos disformes a apertar-lhes os joanetes, em selectos convívios regados a vinho do Porto, depois do jantar, num dos colégios de advocacia. Os jovens que estagiam para advogados consultivos ganharam o hábito de analisar o processo para se ilustrarem em matéria jurídica. O último lorde chanceler saiu-se muito bem quando, emendando Mr. Blowers, o advogado veterano, togado de seda, que dissera que uma coisa talvez acontecesse quando as galinhas tivessem dentes, replicou: «Ou então quando dermos por encerrado o processo Jarndyce contra Jarndyce, Mr. Blowers» — uma facécia que deixou particularmente deliciados os maceiros, os distribuidores e os contadores.

Saber quantos incautos é que o caso Jarndyce contra Jarndyce, ferrando-os com a sua garra malsã, estragou e corrompeu, eis uma questão que nos levaria bem longe. Desde o ouvidor, em cujos arquivos resmas inteiras de certidões poeirentas respeitantes ao caso Jarndyce contra Jarndyce se contorceram, empaladas, até expirarem lugubrememente em inúmeras posturas; até ao escrevente da Mesa dos Seis Oficiais de Justiça, que copiou dezenas de milhares de folhas em papel timbrado da Chancelaria sob aquele eterno cabeçalho; nenhuma natureza humana foi melhorada pelo contacto com aquela demanda. As influências que emanam do campo da trapaça, das evasivas, da procrastinação, da extorsão, do aborrecimento, dos subterfúgios de todo o género e feito nunca dão bons frutos. Os próprios moços de recados dos advogados consultivos, que barraram a passagem aos pobres litigantes, alegando vezes sem conta que o causídico Fulano, Sicrano ou Beltrano estava assoberbado de trabalho e tinha compromissos até à hora do jantar, são bem capazes de ter incorporado na sua natureza moral um novo desvio ou

torção, por causa do contacto com o caso Jarndyce contra Jarndyce. O recebedor responsável pelo processo adquiriu uma bela maquia graças a esta circunstância, mas adquiriu também um sentimento de desconfiança da própria mãe e de desprezo pelos seus congéneres. Fulano, Sicrano e Beltrano caíram no hábito de prometer a si próprios em termos vagos que irão tomar em mãos aquela questão pendente e ver o que podem fazer pelo Zé-dos-anzóis — que não tem sido lá muito bem tratado — no dia em que o caso Jarndyce contra Jarndyce for finalmente encerrado. A ociosidade e a cupidez, em todas as suas variantes e disfarces, foram semeadas a lança por esta demanda malfazeja; e até aqueles que contemplaram o respectivo historial desde o círculo mais exterior de uma tal perversidade se viram tentados, quase sem darem por isso, a adoptar uma postura de distanciamento, deixando que as coisas ruins sigam o seu curso ruim, e a perfilhar a vaga convicção de que, se o mundo segue por mau caminho, pois tanto pior, é porque não estava fadado para trilhar um caminho são.

E é assim que, no meio da lama e no âmago do nevoeiro, o lorde chanceler supremo preside ao seu Supremo Tribunal da Chancelaria.

— Mr. Tangle... — diz o lorde chanceler supremo, um tudo-nada incomodado pela eloquência daquele erudito jurisconsulto.

— Sim, mertíssemos? — acode Mr. Tangle. Mr. Tangle sabe mais sobre o processo Jarndyce contra Jarndyce do que qualquer outra pessoa à face da terra. É famoso por esse facto; diz-se que nunca mais leu outra coisa desde que terminou os estudos.

— Já terminou a sua alegação?

— Não, mertíssemos... diversos aspectos... é meu dever ‘presentar... ‘tíssemos juiz — eis a resposta que emana dos lábios de Mr. Tangle.

— Ainda falta ouvir as alegações de vários causídicos, creio? — indaga o chanceler, com um leve sorriso.

Dezoito dos eruditos amigos de Mr. Tangle, cada qual munido de um pequeno resumo de dezoito centenas de páginas, assomam como dezoito martelos num piano, executam dezoito vénias e tornam a sentar-se nos seus dezoito lugares, desaparecendo na obscuridade.

— Prosseguiremos com as audições de quarta-feira a quinze dias — decide o chanceler. Com efeito, a questão em apreço não passa de um litígio a respeito de custas, um mero rebento na imensa floresta da demanda-mãe, e um dia destes há-de resolver-se por acordo entre as partes.

O chanceler põe-se de pé; os advogados imitam-no; o prisioneiro é apressadamente trazido à sua presença; o homem do Shropshire grita: «Milorde!» Maceiros, distribuidores e contadores exigem silêncio em tom indignado e lançam olhares carrancudos ao homem do Shropshire.

— A respeito — retoma o chanceler, ainda falando do processo Jarndyce contra Jarndyce — da moça...

— Com sua lecença, mertíssemo... moço — intervém Mr. Tangle, prematuramente.

— A respeito — retoma de novo o chanceler, escandindo melhor as palavras — da moça e do moço, as duas crianças...

(Mr. Tangle arrasado.)

— ... cuja presença requeri na audiência de hoje, e que aguardam neste momento no meu gabinete, irei falar com os dois meninos e certificar-me da pertinência de emitir o despacho a determinar que eles passem a residir com o tio.

Mr. Tangle novamente de pé.

— ‘Cença, mertíssemo... morto.

— Com o... — o chanceler remira os papéis que cobrem a sua secretária, de lunetas nos olhos — avô.

— ‘Cença, mertíssemo... vítima de um gesto tresloucado... miolos.

De repente, um advogado baixinho, com uma tremenda voz de baixo, levanta-se, muito exaltado, assomando das regiões mais recônditas do nevoeiro, e diz:

— Meritíssimo juiz, permite que tome a palavra? Eu represento esse familiar. Trata-se de um primo, um primo em vários graus. Não estou em condições de informar o tribunal precisamente em quantos graus ele é primo; mas posso garantir que *se trata* de um primo.

Deixando esta comunicação (proferida como uma mensagem vinda do sepulcro) a ressoar nas traves do tecto, o advogado baixinho senta-se, e o nevoeiro engole todos os sinais da sua presença. Toda a gente o procura com o olhar. Ninguém o vê.

— Vou então conferenciar com os dois meninos — repete o chanceler — e certificar-me de que é oportuno eles residirem com o primo. Irei comunicar a minha decisão amanhã de manhã, quando der início à audiência.

O chanceler apresta-se para dirigir uma vénia aos advogados quando o prisioneiro lhe é apresentado. Nada poderá advir do emaranhado de circunstâncias que o enredam, senão ele ver-se remetido de novo para o calabouço; o que não tarda a suceder. O homem do Shropshire atreve-se a soltar um novo chamamento: «Milorde!», mas o chanceler, ciente da presença daquele importuno, eclipsou-se com destreza. Todos os circunstantes se eclipsam num abrir e fechar de olhos. Uma bateria de sacolas azuis é trazida, cada qual é atafalhada com pesadas resmas de papel, e os escreventes levam-nas dali; a louca enfezada abandona a sala com os seus documentos; as portas do tribunal vazio são trancadas. Se todas as injustiças por ele cometidas e todas as amarguras por ele causadas ao menos pudessem ser trancadas juntamente com essas portas, e tudo fosse incendiado numa grande pira funerária — pois bem, tanto melhor para uma multidão de outros litigantes, assim salvos das agruras que afligem as partes do processo Jarndyce contra Jarndyce!